



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DE SINTOMAS CORRELATIVOS AO TDAH¹

²Ingridy Madalena De Souza

³Sandy Solyane Evangelista Pilar

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar a hipótese de correlação entre a influência familiar e o desenvolvimento de sintomas correlativos ao TDAH. Para tal, buscou-se evidenciar a influência do ambiente familiar no desenvolvimento infantil, analisando esse processo e suas implicações sob a ótica psicanalítica, mais especificamente, com base nas teorias de Winnicott (1896-1971) e Lacan (1901-0981). A partir do conceito de “mãe suficientemente boa” e “Trauma”, dos respectivos autores citados, as autoras realizaram uma análise acerca de suas implicações subjetivas no desenvolvimento infantil e quais as possíveis correlações com o aparecimento de sintomas correlativos ao TDAH. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, baseada em uma pesquisa de revisão bibliográfica da literatura. A conclusão geral destaca que, para além dos fatores biológicos, o TDAH pode ser visto como resultado de falhas na mediação simbólica, decorrentes da ruptura no sistema de linguagem e significantes que organizam a experiência do sujeito, e no estabelecimento de um cuidado não satisfatório no ambiente familiar, com implicações para o desenvolvimento psíquico da criança.

Palavras-chave: Influência Familiar. Desenvolvimento Infantil. Ambiente Insuficiente. Trauma. TDAH.

INTRODUÇÃO

A infância, enquanto um constructo sócio-histórico possui um tempo de percurso relativamente recente, remontando aos séculos XVIII e XIX, mas que

¹TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

²Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC): ingridy.mad@hotmail.com

³Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC): sandysolyane@gmail.com

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

alcançou gradativamente grandes avanços na sua delimitação e caracterização. A partir dessa construção social da infância, alguns estudiosos, como Winnicott (1896-1971) e Lacan (1901-1981), voltaram suas investigações para o desenvolvimento infantil e sua correlação com as relações familiares, as quais podem influenciar de forma significativa na construção psicossocial das crianças.

Na psicologia contemporânea, a infância é compreendida como um período crítico de formação, onde aspectos psicológicos, biológicos e sociais interagem de maneira complexa para moldar o desenvolvimento do indivíduo. Uma das relações de maior influência no desenvolvimento psicossocial da criança é a sua relação com a mãe ou com o indivíduo que ocupa o espaço materno na sua vida. A relação de cuidado e afeto entre mãe e filhos se apresenta de diferentes formas, de acordo com a época, a sociedade e a estrutura familiar em que esses sujeitos estão inseridos.

Contudo, em qualquer ambiente em que se apresente, essa relação é extremamente relevante para o estabelecimento de uma base segura ou não para a criança, capaz de influenciar seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Esses efeitos têm sido objeto de extensos estudos no campo da psicologia, destacando o autor Donald Winnicott, que estabelece o conceito de "mãe suficientemente boa" como crucial para o surgimento da individualidade e da saúde psíquica da criança. Winnicott (1979) defende que, ao proporcionar ao filho, durante as fases iniciais da vida, um ambiente emocional protetor e acolhedor, a mãe possibilita um desenvolvimento saudável. Assim, o vínculo mãe-filho é central para o bem-estar psicológico, influenciando não apenas a infância, mas também as relações e sua evolução ao longo da vida.

É também a partir da relação estabelecida entre mãe e filho que a criança aprende as capacidades necessárias para se relacionar com os outros e com o mundo à sua volta, estabelecendo suas relações interpessoais. Dessa maneira, a mãe atua como mediadora responsável por apresentar o mundo ao bebê e o

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

bebê ao mundo. Entretanto, quando há um desequilíbrio entre o que é necessário para um desenvolvimento saudável da criança e o que é ofertado pela mãe, surge o questionamento acerca das consequências desse ambiente insuficiente.

Nesse contexto, o presente estudo busca analisar a possível correlação entre os sintomas do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o ambiente insuficiente. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender as possibilidades de atuação do psicólogo ao lidar com casos que apresentam sintomas similares aos do TDAH, relacionados à um ambiente insuficientemente bom para o desenvolvimento.

Enquanto uma área de estudo e atuação que envolve o campo subjetivo, emocional, de desenvolvimento humano e as relações sociais, a psicologia surge como uma possibilidade de enfrentamento desses sintomas, apontados como características nosológicas, de ordem estritamente biológicas, para a classificação de um diagnóstico que pode ter suas origens nas relações familiares iniciais e que afetam diretamente a qualidade de vida. Além disso, a psicologia permite questionar as relações familiares enquanto primeira instituição social na qual o indivíduo é inserido.

Com base nos tópicos abordados anteriormente, definiu-se o seguinte objeto de estudo: diagnóstico diferencial - a influência da família no desenvolvimento de sintomas correlativos ao TDAH. Com os seguintes objetivos específicos: analisar estudos sobre a influência do papel materno no desenvolvimento infantil, com ênfase no ambiente insuficientemente bom; analisar o trauma lacaniano como uma consequência das relações familiares; identificar os sintomas atribuídos ao diagnóstico de TDAH; correlacionar os sintomas de TDAH com o ambiente insuficientemente bom, compreendendo os sintomas como uma via de expressão subjetiva do trauma em Lacan e, por fim, apontar as possibilidades de intervenção da Psicologia frente a essas questões.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Justifica-se a escolha deste tema devido a inquietação das autoras frente a um desconforto social decorrente de suas vivências em estágio escolar, contexto em que observaram um alto índice de diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Nesse cenário, foi identificada uma denúncia social acerca das consequências desse elevado índice diagnóstico e, a partir dessa observação, levantou-se o questionamento sobre o fenômeno que poderia estar ocasionando tais sintomas.

Assim, propõe-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, buscando analisar a hipótese levantada pelas autoras acerca do fenômeno desencadeador, identificado como uma possibilidade de correlação entre o tipo de relações familiares e os sintomas semelhantes aos do TDAH. Especificamente, pretende-se explorar material científico sobre as consequências do ambiente insuficiente, considerando esta como uma hipótese para o desenvolvimento de sintomas no contexto infantil e sua relação com o aumento expressivo desses sintomas na contemporaneidade.

A fundamentação teórica deste estudo está alicerçada na teoria psicanalítica e na psicologia social, voltadas para a área clínica, pois apresentam teorias e estudos sobre a influência das relações familiares no desenvolvimento humano. Ambas, também se posicionam frente ao fenômeno do TDAH, compreendendo-o como uma manifestação sintomática individual que impacta diretamente o coletivo. Consequentemente apresentam formas subjetivas diferentes de lidar com os sintomas e seus impactos nos contextos individuais e sociais.

Autores como Winnicott e Lacan contribuem para uma visão integrada do desenvolvimento humano e das relações familiares. Donald Winnicott, por exemplo, trouxe o conceito de "ambiente suficientemente bom", destacando o papel crucial das primeiras interações cuidadoras na formação do *self* da criança (Winnicott, 1965). Já Lacan, destaca em suas produções o conceito de trauma, definindo-o como uma ruptura no campo simbólico, responsável por estruturar

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

as ideias e pensamentos, organizando as experiências dos sujeitos (Sternick, 2010).

1. RETRATO HISTÓRICO SOBRE O CONCEITO DE INFÂNCIA

O conceito de “constructo sócio-histórico” remete a uma compreensão das estruturas e significados construídos coletivamente ao longo da história, os quais influenciam diretamente a forma como os indivíduos entendem e interagem com o mundo. As possibilidades de configurações familiares existentes atualmente, que, há algumas décadas, nem sequer seriam cogitadas, têm sido moldadas pelas transformações sociais e culturais que geraram e continuam a gerar mudanças significativas na organização social e familiar. Um exemplo de transformações sociais que acarretaram mudanças na estrutura familiar foi a Revolução Francesa de 1789, na qual "... modificou-se a função do Estado e, com isso, a responsabilidade para com a criança e o interesse por ela" (Nascimento; Brancher; Oliveira, 2008, p. 53), favorecendo o olhar sobre as crianças em relação à educação e o bem-estar, além de desencadear o processo de construção da infância.

Antes desse período, o mundo do adulto e da criança se misturava, conforme observado por Nascimento, Brancher e Oliveira (2008), que teceram um estudo sobre a construção do conceito de infância. Antes do século XVI, a infância não era compreendida como uma fase autônoma e distinta dentro da sociedade; após o período de dependência física da mãe, as crianças ingressavam imediatamente no universo adulto (Levin, 1997 *apud* Nascimento, Brancher e Oliveira, 2008).

Foi apenas a partir do século XVII que se começou a pensar em uma categoria diferenciada para as crianças dentro da classificação etária. Antes desse momento, as crianças e os adultos compartilhavam os mesmos ambientes. Em meio a esse dualismo, surge, no século XVII, nas classes

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

dominantes, a primeira concepção real de infância, a partir da observação dos movimentos de dependência das crianças muito pequenas. O adulto passou, então, a se preocupar com a criança, enquanto ser dependente e frágil, o que ligou essa etapa da vida à ideia de proteção, conforme Levin (1997), citado por Nascimento, Brancher e Oliveira (2008, p. 7).

Sendo assim, essa concepção estava ligada exclusivamente às crianças no início da vida, período marcado estritamente pela dependência, o que desencadeou o ideal de cuidado, proteção e amparo próprios dessa fase. Entretanto, no período em que essas ideias começaram a surgir, elas estavam voltadas para a disciplinarização. O que estava em voga era a necessidade de educar e preparar as crianças para adentrar o mundo adulto, tornando-se um cuidado aprisionador, com uma disciplina rígida (Nascimento; Brancher; Oliveira, 2008).

Por outro lado, e na mesma época da Revolução Francesa, acontecia na Inglaterra, propagando-se para o restante do mundo, a Revolução Industrial (1760-1840), na qual as crianças foram submetidas a condições de trabalho inadequadas e exaustivas. Essa conjuntura, associada aos pensamentos que já vinham sendo articulados nas sociedades ocidentais, levantou questões e preocupações acerca do cuidado com as crianças, desencadeando ações de proteção para aquelas em situação de exploração. Uma dessas ações foi à escolarização das crianças, e a institucionalização da educação primária reforçou a ideia de infância como um período dedicado ao aprendizado e ao desenvolvimento gradual, um conceito que começou a diferenciar nitidamente a vida infantil das responsabilidades adultas (Nascimento; Brancher; Oliveira, 2008).

Dessa forma, foi a partir de meados do século XIX, por meio de um processo gradual que se estende até a contemporaneidade, que o conceito de infância começou a ser entendido como uma fase única da vida, distinta do mundo adulto. A partir desse processo, iniciou-se uma investigação acerca das

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

questões próprias da infância, sendo selecionada para este trabalho a influência da relação familiar no desenvolvimento psicossocial da criança.

1.1 A INFLUÊNCIA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO BIOPSICOSSOCIAL

O desenvolvimento psicossocial é um processo que envolve a construção de habilidades emocionais, sociais e a interação com o mundo, sendo influenciado por fatores internos e externos. Esse processo abrange desde o entendimento de suas próprias emoções e o comportamento dos outros até a construção de relacionamentos, o desenvolvimento de empatia e a capacidade de resolver conflitos. Desde cedo, o ambiente, a qualidade das interações familiares e as experiências sociais desempenham um papel fundamental para moldar o comportamento e o senso de identidade da criança (MSD Manual, 2023; Instituto Neurosaber, 2023).

Segundo Dias (2003), para Winnicott, o bebê, ainda no ventre materno, é capaz de vivenciar sensações que constituem sua memória corporal e, ao nascer, continuam a afetá-lo. Essas vivências são estabelecidas pelo ambiente que o cerca, neste caso, o ventre materno. A mãe, ao seguir o ritmo do bebê quando este está quieto ou ao alterar esse ambiente, ao ficar nervosa, por exemplo, provoca sensações que o autor distingue em dois tipos: as sensações de “espontaneidade”, quando a mãe segue o ritmo do bebê e ele reage de forma própria, e as de “reatividade”, quando o bebê precisa se adaptar às mudanças maternas.

...mãe que acompanha, sem interferência, o vaivém do bebê - da quietude ao movimento e vice-versa -, a partir da necessidade dele, estabelece certo padrão de relacionamento. Neste caso, as experiências e as memórias corporais da experiência são pessoais. No segundo caso, a iniciativa de movimento parte do ambiente. Se este, repetidamente, se antecipa ao movimento do bebê, estabelece-se um padrão de relacionamento que pode ser chamado de intrusivo (Dias, 2003, p. 159).

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

A oposição entre espontaneidade e reatividade mostra que “a influência ambiental pode iniciar-se numa etapa muitíssimo precoce, determinando se a pessoa, ao buscar a confirmação de que a vida vale a pena, irá à procura de experiências, ou se retrai, fugindo do mundo” (Dias, 2003, p. 158).

A partir dessa análise, Winnicott estabelece que o ambiente é um fator indissociável do desenvolvimento humano, exercendo influência desde a fase intrauterina. Por isso, para a realização de estudos sobre o desenvolvimento emocional de uma criança, é importante que se leve em consideração a forma de cuidado que lhe foi ofertada enquanto em um período de dependência e tutela do outro. O papel desse outro é desempenhado pela mãe, identificada como uma figura particularmente qualificada para proteger a criança em seu período de vulnerabilidade, desde que se sinta segura. Winnicott sugere que o desenvolvimento emocional de um bebê, em seu primeiro ano de vida, é a base para a construção de sua saúde mental como indivíduo (Dias, 2003).

Dessa forma, entende-se que desde o início da vida ocorre um processo de dupla dependência no amadurecimento da criança, que, ao nascer, se encontra em completa dependência de outro indivíduo. Esse outro pode ser a mãe, mas também pode ser qualquer sujeito que ocupe esse papel materno, responsável por apresentar o ambiente e auxiliar na construção de suas relações. Como consequência, o sentido de confiança e segurança que a criança desenvolve, os quais são fundamentais para a maturação emocional e para a capacidade futura de se sentir segura em sua individualidade e em suas relações interpessoais, está diretamente ligado a essa dependência, pois é através da apresentação do mundo que a mãe faz à criança que ela começa a estabelecer suas próprias relações.

Às vezes, segurança significa apenas ser adequadamente segurado no colo. Tanto de modo físico como de formas mais sutis, a mãe ou o ambiente sustentam a unidade do bebê, de modo que integração e



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

reintegração podem processar-se sem causar ansiedade (WINNICOTT, 2023, p. 11).

Em síntese, esse movimento de dependência é identificado como o precursor da simbolização que a criança faz do mundo, a partir da qual ela vai estabelecendo suas relações e se constituindo enquanto sujeito, inserido em uma temporalidade histórica e cultural. O desenvolvimento psicossocial da criança depende da qualidade das interações precoces em seu núcleo familiar e comunitário (Winnicott, 1965).

1.2 IMPACTOS DO AMBIENTE INSUFICIENTEMENTE BOM

Conforme a referência bibliográfica, no processo de desenvolvimento da criança, a mãe aparece como um mediador responsável por apresentar o mundo ao bebê e o bebê ao mundo. Essa atitude materna é indispensável, pois, quando a mãe proporciona ao filho, durante as fases iniciais da vida, um ambiente de proteção emocional e acolhedor o suficiente para que a criança se desenvolva adequadamente, ela possibilita que o processo de maturação da criança aconteça, propiciando o surgimento da individualidade e da saúde psíquica da criança:

O processo maturacional impulsiona o bebê a relacionar-se com objetos; no entanto, isso só pode ocorrer efetivamente quando o mundo é apresentado ao bebê de modo satisfatório. A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da experiência de onipotência, o que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade (Winnicott, 1989, p. 24).

A essa mãe que se ocupa em proporcionar ao filho um ambiente satisfatório para seu desenvolvimento, Winnicott (1983) denominou de “mãe suficientemente boa”, sendo aquela que, por meio de uma identificação com o bebê, adapta-se às suas necessidades de modo a suprir-lhe as faltas. Devido à incapacidade de se distinguir do ambiente, o bebê experimenta uma sensação

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

de onipotência, acreditando ser o controlador do ambiente; nesse momento, a mãe, que se encontra no estágio de “preocupação materna primária” (Winnicott, 1989, p. 18), é capaz de guiá-lo para que entre em acordo com o princípio da realidade.

A presença da mãe no momento dessa transição entre a experiência de onipotência e o princípio da realidade é essencial para que a criança reconheça suas limitações e, com o auxílio dessa “mãe suficientemente boa”, mantenha sua confiança e autonomia, sem perder a capacidade de criação e imaginação.

Se houver uma provisão ambiental satisfatória, essas coisas ocorrem com a criança. Porém, se o ambiente facilitador não for satisfatório, rompe-se a linha da vida, e as tendências herdadas, muito poderosas, não podem levar a criança à plenitude pessoal (WINNICOTT, 1989, p. 113).

Mas, e quando a mãe, ou o sujeito que ocupa este papel, se apresenta de maneira insuficientemente boa? É necessário ressaltar que a mãe pode e precisa falhar, entretanto, o que está posto aqui como uma mãe insuficientemente boa é aquela que não se apresenta nas fases iniciais de desenvolvimento ou que tenta suprir todas as faltas do filho.

Quando a mãe falha em oferecer um “cuidado satisfatório”, ou seja, uma presença emocional constante e atenciosa em sua fase de dependência e transição para a independência, a criança pode vir a experimentar um senso de insegurança básica, prejudicando sua capacidade de desenvolver confiança em si mesma e no mundo em que está inserida. Entende-se este espaço de transição como necessário para o amadurecimento emocional do indivíduo, que, se ocorrer de forma inadequada, pode acarretar uma formação falha da personalidade, caracterizada pela adaptação excessiva às expectativas externas, em detrimento da personalidade autêntica e integrada.

Winnicott (1989) destaca a importância de um vínculo inicial consistente e sensível para que a criança possa se sentir validada, possibilitando um

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

desenvolvimento emocional saudável e uma relação equilibrada com suas próprias emoções e com as dos outros. Ele afirma que:

A maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada "independência". Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado ao ponto de se sentir independente e invulnerável. Se essa pessoa está viva, sem dúvida há dependência! (Dependência da enfermeira de um sanatório ou da família) (Winnicott, 1989, p. 17).]

Quando a criança emerge no mundo, este já está posto e, antes mesmo de efetuar seu nascimento, ela já sofre as consequências das determinações sociais e dos valores culturais. Dessa forma, durante todo o percurso de sua vida, ela se encontrará inclusive em um meio social, onde precisa estar constantemente em contato com outras pessoas, afetando-as e sendo afetada por elas, de forma que sempre estará implicada, de certa forma e em certo grau de dependência, com algo ou alguém.

O psicólogo Erich Neumann (1995) estabelece que, além da influência do ambiente familiar na relação entre mãe e filho, o meio cultural em que esses sujeitos estão inseridos também vai influenciar essa relação e, consequentemente, o desenvolvimento da criança. Para ele, a interação inicial da criança com a mãe transcende uma relação meramente primária, pois, por meio dela, antes mesmo de alcançar o "verdadeiro" nascimento, situado em torno de um ano de idade, a criança começa a ser moldada pelos aspectos culturais. Isso ocorre porque a mãe, inserida em um contexto coletivo cultural, transmite de forma inconsciente, mas significativa, valores e linguagens que influenciam o desenvolvimento infantil.

Além disso, ressalta-se a influência do contexto social, uma vez que a linguagem, os valores culturais e o tempo histórico são determinantes na constituição das relações sociais e na compreensão que os sujeitos têm do mundo. A mãe, enquanto um indivíduo já inserido na sociedade tem suas crenças e valores transpassados pelas normas sociais, de maneira que, ao



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

mediar a relação bebê-mundo, opera consecutivamente como uma via de inserção e apresentação da criança a esses valores, ensinando-lhe desde a linguagem até os valores socialmente determinados.

Nessa perspectiva, quando a criança não se encontra mais no estágio de dependência incondicional da mãe, a família, identificada como a primeira instituição social em que o sujeito é inserido, passa a atuar como um modelo de vida a ser seguido. A partir da integração (Winnicott, 1989, p. 32), ou seja, do reconhecimento que a criança começa a fazer de si como um indivíduo único, torna-se possível a construção da identidade e da capacidade de relacionar-se com o mundo.

Neumann (1995) ressalta que:

A independência da criança, enquanto ego e indivíduo começam ao fim da fase embrionária pós-uterina e coincide com a sua emergência para fora dos confins estreitos da relação primal. A criança, então, se torna aberta para outras relações, tornando-se um ego apto para o confronto com um "tu", tanto interna como externamente. [...]. Com seu "verdadeiro" nascimento, o indivíduo humano torna-se, muito caracteristicamente, não apenas um indivíduo da sua espécie, mas também uma parte do seu grupo. A criança passa a ser não apenas "ela mesma", mas este "ela mesma" manifesta-se simultaneamente tanto interna quanto externamente como uma relação "eu-tu" (NEUMANN, 1995, p. 17).

1.3 INTRODUÇÃO AO TRAUMA LACANIANO COMO UMA CONSEQUÊNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES

A partir da relação familiar e do contexto cultural como determinantes na constituição do sujeito, estabelece-se uma correlação com o trauma lacaniano. Para Lacan, a família também desempenha uma função fundamental na construção do sujeito, pois é por meio dela que a criança experimenta a falta e as primeiras formas de simbolização - crucial para o estabelecimento da dinâmica psíquica do sujeito - que estrutura sua subjetividade.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Para Lacan, segundo Guzmán e Derzi (2021), o trauma está diretamente ligado à experiência de falta, desejo e identificação, que são estruturados na relação do sujeito com o Outro, neste caso, a família, que, enquanto "Outro" primordial, é o primeiro espaço onde o sujeito encontra o significado, a linguagem e o amor. Para Lacan, a linguagem é um elemento fundamental na constituição do sujeito enquanto um ser único. O bebê, antes de alcançar sua autonomia, tem suas necessidades atendidas pela mãe, responsável por identificar, interpretar e nomear o grito da criança.

A criança, antes de nascer, já se encontra inserido na lógica materna, a partir da qual será nomeado e identificado como um ser à parte. Essa lógica é necessária para que haja uma distinção entre o eu (criança) e o Outro materno, que está constantemente suprimindo as necessidades desse "eu". Essa distinção só é possível quando o Outro materno apresenta ao eu a língua e a linguagem. Segundo Guzmán e Derzi (2021, p.7): "Para Lacan, o sujeito do inconsciente não nasce nem se desenvolve; ele se constitui e só pode ser concebido a partir do campo da linguagem".

Tem-se, então, a aquisição da linguagem como a passagem do sujeito para o mundo simbólico, constituído pela linguagem, pelas normas e leis socioculturais que precedem sua existência. O mundo simbólico é entendido como a matriz de significação, mediando nossa relação com o real, estruturando nossos desejos, limitando e determinando nossas escolhas e identidades. Em razão disso, Lacan estabelece que o trauma é uma ruptura no campo simbólico, ou seja, no sistema de linguagem e significantes que organizam a experiência do sujeito, ele não consiga incorporar ou significar determinado evento, resultando em uma incompreensão ou dificuldade de assimilação da experiência.

Além disso, conforme Garcez e Portela (2019), a dinâmica familiar que media a estruturação subjetiva opera por meio das funções materna e paterna. A função materna consiste em atribuir um lugar à criança, marcado por cuidados

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

que refletem um interesse singularizado, mesmo que permeado por limitações ou faltas. À função paterna, ou àquele que ocupa tal posição, compete à introdução da Lei do desejo, instaurada pelo corte da relação dual entre mãe e bebê. Esse corte priva a criança de seu objeto de desejo e a mãe de seu objeto fálico, possibilitando o ingresso na dimensão simbólica.

Nesse contexto, a família tem função imprescindível no desenvolvimento do trauma, ao considerar que o mesmo surge a partir da falha na transmissão da linguagem, na apresentação dos significados simbólicos, ou na delimitação de limites, ao apresentar a falta por meio do corte, sendo a família a responsável pela inserção da criança a esses elementos. Dessa forma, ao experienciar situações que não são capazes de simbolizar ou de representar no campo da linguagem, a criança encontra outras vias de expressão, como por exemplo, agitação e perda de atenção.

Posto isso, buscou-se entender a possibilidade do surgimento de sintomas correlativos ao TDAH como uma dessas vias de expressão, que, segundo Rosa e Rocha (2020, p.1), “é uma resposta subjetiva da criança frente aos entraves em sua constituição psíquica, expressados por meio da agitação psicomotora e pelas dificuldades psicoafetivas nas relações com os outros”.

1.4 CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (DSM-5-TR, 2023), representado pela sigla TDAH, corresponde a uma síndrome caracterizada por comportamento hiperativo, inquietude motora, desatenção marcante, falta de envolvimento persistente nas tarefas e impulsividade. Para que um indivíduo se enquadre nesse conceito diagnóstico é necessário que os comportamentos descritos se apresentem de forma evidente em mais de um contexto social e se mostrem excessivos no ambiente em que ocorrem. Segundo o DSM (Manual

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o diagnóstico é realizado com base na soma de sintomas ou critérios de avaliação (Lima, 2005). A respeito deste tema, fala-se muito a respeito da medicalização que não vamos explicar neste artigo por não ser o foco deste trabalho, mesmo reconhecendo ser um tema amplo a ser discutido.

Os critérios diagnósticos para o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), conforme estabelecido no DSM-IV (American psychiatric association, 2002), envolve uma série de sintomas que devem ser observados ao longo de um período mínimo de seis meses, comprometendo de forma significativa o funcionamento do indivíduo. O diagnóstico pode ser baseado em dois grandes grupos de sintomas: desatenção e hiperatividade/impulsividade. Para a desatenção, são necessários pelo menos seis sintomas, como dificuldade em prestar atenção a detalhes, problemas para manter o foco em atividades, esquecimento de tarefas diárias e fácil distração por estímulos externos.

Ainda seguindo os critérios de diagnóstico expostos por Lima (2005), no caso da hiperatividade, incluem-se comportamentos como agitação constante, dificuldade em permanecer sentado e a tendência a agir de maneira excessivamente impulsiva, como interromper os outros ou responder precipitadamente antes da conclusão das perguntas. Além disso, é imprescindível que os sintomas se manifestem antes dos sete anos de idade e causem prejuízo significativo em dois ou mais contextos (como escola e casa).

O impacto nos domínios sociais, acadêmicos ou ocupacionais também deve ser evidente, e os sintomas não devem ser atribuídos a outro transtorno, como transtornos do humor ou psicóticos. Portanto, diagnóstico do TDAH exige uma avaliação criteriosa e multidimensional, considerando o histórico e os contextos de vida do indivíduo, para distinguir os sintomas do transtorno de outros possíveis fatores explicativos.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

A partir de uma leitura histórica do TDAH dentro da classificação do DSM, (documento cuja função é classificar os transtornos mentais e estabelecer critérios para diagnóstico) podemos observar que, no DSM-II de 1968, foram abordadas duas categorias que se assemelham ao TDAH: a "Reação Hiperkinética da Infância" (308.8) e a "Síndrome Orgânica Cerebral Não Psicótica" (*Non-Psychotic Organic Brain Syndromes* - 309), comumente chamada de Disfunção Cerebral Mínima. Segundo Neto e Santos (2013, p. 41, *apud* Pereira, 2009), existe uma diferença na causa e origem dessas duas categorias, sendo que a "Reação Hiperkinética da Infância" tem origem psicológica, com grande influência psicanalítica, enquanto a "Disfunção Cerebral Mínima" é entendida como originada de disfunções orgânicas.

Analisar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) sob a perspectiva neurocêntrica possibilita explorar uma questão intrínseca à prática clínica. Atribuições como responsabilidade, intenção ou culpa são progressivamente relativizadas quando se assume que um desequilíbrio em neurotransmissores específicos seja um fator determinante para comportamentos caracterizados por desatenção e hiperatividade. Nesse contexto, observa-se que as crianças cujas atitudes divergem de determinados padrões sociais idealizados frequentemente recebem o diagnóstico de TDAH (Kyrillos Neto & Santos, 2013).

Contudo, há uma alternativa clínica para abordar os sintomas, sejam eles associados ao TDAH ou a outras condições, que se distanciam de uma abordagem pautada em manuais classificatórios como DSM-V e o CID. Essa perspectiva prioriza uma escuta singular e personalizada, tratada neste estudo pela prática clínica fundamentada na psicanálise. Segundo Neto e Santos (2013), destaca-se a característica singular da criança de estar inserida em um discurso coletivo.

A esta alternativa denomina-se diagnóstico diferencial que, no campo de estudo da psicanálise, compreende que "toda relação do sujeito com o mundo é

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

mediada pela realidade psíquica.” (Figueiredo e Machado, 2000), ou seja, os sinais e sintomas comumente entendidos à luz de uma categorização biológica são vistos como expressões inconscientes. Figueiredo e Machado (2000) pontuam que, por meio desse diagnóstico, pode-se questionar as categorias nosológicas do diagnóstico classificatório, caracterizadas por uma coleta de dados objetivos que desconsideram o contexto sócio-histórico-cultural do sujeito.

1.5 IMPACTOS DO “AMBIENTE INSUFICIENTEMENTE BOM” E SUA CORRELAÇÃO COM OS SINTOMAS CORRELATOS AO TDAH

Essa reflexão entre os sintomas do TDAH e o ambiente familiar com base no diagnóstico diferencial é de grande relevância, pois evidencia as múltiplas demandas que emergem no contexto do processo psicanalítico infantil, incluindo as solicitações da própria criança, dos pais e da escola. O modo como o sintoma da criança se entrelaça com as fantasias parentais e/ou institucionais posiciona o psicanalista como alguém que deve acolher e interpretar uma pluralidade de demandas e narrativas relacionadas à criança (Neto e Santos, 2013).

Compete à clínica de psicologia, que se fundamenta na palavra do sujeito, a tarefa de atuar como mediadora, promovendo um afastamento entre a demanda expressa e o sintoma manifestado pela criança. Essa abordagem considera a posição de dependência estrutural da criança em relação aos seus cuidadores primários, ressaltando que ignorar esse “nó sintomático” compromete a possibilidade de elaborar um discurso singular, próprio ao sujeito, que revele sua relação única com o sintoma. Este, por sua vez, carrega a marca de um enigma, um espaço de não saber, que pode ser desvelado e compreendido no percurso do trabalho analítico (Kyrillos Neto & Santos, 2013).

O processo de construção de um diagnóstico em psicanálise, segundo Garcez e Portela (2019), fundamenta-se inicialmente em questões de natureza epistemológica, isto é, na análise da relação entre o sujeito e o objeto de



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

investigação. Na perspectiva psicanalítica, o inconsciente constitui o objeto central de estudo, caracterizando-se por particularidades distintivas em sua relação com os fenômenos que se manifestam e são observados.

Para a psicanálise, o diagnóstico, tanto na infância quanto na vida adulta, busca compreender a posição do sujeito em relação ao desejo. Contudo, as características de cada fase da vida refletem posições distintas do sujeito frente ao outro em cada momento. A criança, enquanto estiver em desenvolvimento, encontra-se em um processo de constituição psíquica ainda em curso. Nesse contexto, é essencial que os adultos responsáveis forneçam, além dos cuidados básicos, um olhar humanizado permeado por um desejo singularizado, que se configura como fundamento essencial para o surgimento da subjetividade (Garcez & Portela, 2019).

Refletir acerca das especificidades do diagnóstico é uma etapa fundamental para a condução adequada do processo analítico. Embora o trabalho realizado em diferentes fases da vida apresente particularidades, compreender o desenvolvimento infantil, bem como os mecanismos de constituição da subjetividade e do desejo, é indispensável na prática psicanalítica. Nesse contexto, ao considerar a infância e a relação estabelecida entre a criança e seus pais, a dinâmica familiar pode desempenhar um papel determinante no surgimento e na perpetuação de adoecimentos psíquicos. Conforme Lacan (1969 *apud* 2003), "o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar... se define, neste contexto, como representante da verdade" (p. 369). (Garcez & Portela, 2019)

Posto isso, cabe explicar aqui a compreensão das autoras acerca de um ambiente insuficientemente bom. Para isso, reitera-se a concepção de *Pasian et al.* (2013) acerca da negligência infantil:

Em síntese, poder-se-ia considerar que a negligência se configura quando os pais, geralmente de modo crônico, não têm a vontade/disposição ou as capacidades psicológicas requeridas para cuidar da criança e, dessa forma, acabam respondendo

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

inadequadamente às necessidades de seus filhos, não demandando ou não conseguindo aproveitar a ajuda de outras pessoas que poderiam/deveriam ajudar (PASIAN et al., 2013, p. 65).

Segundo o entendimento das autoras deste artigo entende-se que o ambiente insuficientemente bom não é exclusivamente um ambiente negligente, uma vez que outros fatores, além dos descritos por Pasian (2013), podem influenciar diretamente no desenvolvimento infantil como, por exemplo, o controle e cuidado excessivo, que podem ser interpretados como uma superproteção. O que está posto é que o ambiente familiar, quando falha em oferecer um “cuidado satisfatório”, pode influenciar o desenvolvimento infantil, seja pela falta ou pelo excesso de cuidado, podendo desencadear sintomas correlativos ao TDAH. Conforme Garcez e Portela (2019), o sintoma da criança não apenas reflete aspectos da relação familiar, mas também revela elementos relacionados ao desejo materno, especialmente em situações em que a função paterna apresenta falhas em sua incidência.

Dessa forma, o sintoma pode ser interpretado como uma forma de manifestação das dinâmicas inconscientes que atravessam o núcleo familiar. O sintoma, portanto, encontra-se na interseção entre as ordens do simbólico e do real. Trata-se de uma formação do inconsciente que, embora interpretável, possui limites impostos pela natureza da pulsão e sua resistência à completa significação. O sintoma manifesta a verdade do sujeito e expressa seu desejo. Ao mesmo tempo, configura-se como uma tentativa de responder à falta estrutural do Outro, procurando tamponar essa ausência. Contudo, ao fazê-lo, expõe os limites do simbólico em sua capacidade de abarcar o real.

Em vista disso, esclarece-se que o presente trabalho não tem como intuito desconsiderar ou negar os fatores biológicos implicados no diagnóstico, mas propor uma análise acerca do surgimento dos sintomas correlativos ao Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), compreendidos como uma forma subjetiva de expressão. Partindo da compreensão de que o ambiente familiar é determinante no desenvolvimento infantil e no desencadeamento do



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

trauma, entendem-se, a partir da ótica psicanalítica, as manifestações do TDAH como um sintoma desses acontecimentos. A hipótese inicial e norteadora do estudo decorre de a possibilidade de crianças desenvolverem sintomas correlativos ao TDAH devido à falta de recursos de linguagem e simbolização para expressar o que as perturba, manifestando-se na atividade corporal como distúrbios psicomotores e/ou de atenção.

Em seu trabalho sobre intervenção psicomotricidade Loureiro (2024), discorre sobre a relação mente-corpo, afirmando que a motricidade, ou seja, o movimento do corpo, é resultado direto do psíquico e como tal, pode-se afirmar que o corpo (soma) funciona como uma via para a expressão das disfunções no campo do psíquico (simbólico). Desse modo, para Loureiro (2024):

...a psicomotricidade pretende compensar problemáticas situadas na convergência do psiquismo e do somático, atuando sobre as diferentes impressões e expressões do corpo, analisando o significado simbólico da ação (APP, 2017), apelando sempre a conexão mente-corpo (V'eron et al., 2021 *apud* Loureiro, 2024, p.5).

Conforme Sternick (2010), Lacan, em sua teoria, determinou que o corpo pode ser compreendido em três dimensões distintas e interligadas: Real, Simbólico e Imaginário. O corpo, no registro do Real, diz respeito à dimensão de tudo aquilo que está para além do sujeito, daquilo que não pode ser determinado ou reduzido à linguagem; o corpo, na ordem do simbólico, ganha sentido tanto subjetivo quanto social através da linguagem e das normas sociais. É no simbólico que o sujeito organiza suas experiências (por meio da linguagem) e estrutura o inconsciente; e o corpo no campo do imaginário é a imagem que cada indivíduo forma de si mesmo, moldando sua relação com o "eu" e o "Outro".

A inserção do indivíduo no mundo e no meio social ocorre por meio da introdução da linguagem, inicialmente mediada pela mãe. Em outras palavras, a constituição do sujeito enquanto um indivíduo só se torna possível por meio dessa mediação materna, que, ao mesmo tempo em que apresenta a criança ao mundo pré-existente e estruturado tanto na linguagem quanto na cultura,

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

também contribui para a determinação da imagem de si que esse sujeito irá construir.

Ao compreender que a estruturação da subjetividade ocorre por meio da linguagem, a qual organiza a ordem do simbólico, e que a mãe é a mediadora dessa introdução ao filho, estabelece-se o elo entre o trauma (ruptura no campo do simbólico), a relação familiar insuficiente e o corpo como via de expressão subjetiva. Segundo Winnicott (1989), a ausência de um ambiente facilitador pode resultar em dificuldades no processo de integração, responsável pela capacidade individual de se reconhecer enquanto um sujeito único e temporal, o que desencadeia o sentimento de unidade e pertencimento.

Quando a criança não se sente integrada, ela não consegue tolerar períodos de separação e ansiedade, levando a experiências de fragmentação ou ao desenvolvimento de falsos *selves*, nos quais o indivíduo não consegue expressar de maneira autêntica sua identidade. Correlacionando com Lacan, a criança não terá significantes suficientes para interpretar e lidar com essas situações no nível da linguagem, expressando-se de outras formas, como uma agitação excessiva, por exemplo.

Além disso, segundo Rosa e Rocha (2020), a falha no corte subjetivo pode influenciar diretamente na produção simbólica da criança, mais especificamente, em uma falta dela e, conseqüentemente, uma dificuldade em nomear e dar significado a determinado objeto. Essa falta de simbolização pode acarretar nas típicas distrações e falta de envolvimento do transtorno, uma vez que o desejo orienta o foco do sujeito e, quando não há produção simbólica, não há um ponto de interesse fixo. Rosa e Rocha (2020), em um estudo de caso acerca do TDAH na infância, analisaram uma criança que não conseguia voltar sua atenção para coisas que exigiam demais, pontuando que:

[...] seu desejo orienta os maiores investimentos de atenção ao mundo externo. Quando não relacionado a formas de satisfação mais arcaicas, pode-se perceber que não sabe a que dirigir a percepção,

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

uma vez que não há produção simbólica, o que acarreta a não persistência da criança (ROSA; ROCHA, 2020, p. 258).

Portanto, por falta de recurso simbólico, a criança não sabe a quem ou o que direcionar sua atenção, apresentando os sintomas correlativos ao TDAH de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Considerando que é por meio do campo simbólico que o sujeito organiza e nomeia suas experiências, pode-se deduzir também que a falta desses recursos dificulta a organização dessas experiências, dos pensamentos e sentimentos da criança, levando à uma desorganização interna e, conseqüentemente, externa, apresentando a característica de dificuldade de organização do TDAH.

Essa dinâmica revela o gozo inerente ao sintoma: uma satisfação paradoxal que persiste apesar do sofrimento que pode causar ao sujeito. O sintoma, sustentado por essa satisfação, traduz a insistência do impossível de ser plenamente simbolizado. No contexto do processo analítico, o trabalho com o sintoma oferece ao sujeito a oportunidade de acessar sua própria verdade, ressignificando seus modos de expressão na linguagem. Essa transformação pode alterar a relação com o Outro e modificar as formas de gozo, possibilitando uma vivência menos adocedora tanto em relação ao desejo quanto à interação com o mundo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, baseada em uma pesquisa de revisão bibliográfica da literatura, onde o foco do estudo está voltado para a análise crítica de teorias já postuladas e artigos científicos sobre o desenvolvimento infantil com implicações no contexto familiar e o TDAH, especialmente olhando para a perspectiva psicanalítica e como o ambiente familiar pode influenciar no desenvolvimento desse transtorno.

Os artigos encontrados foram retirados nas bases de dados *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*), Google Acadêmico e o acervo da biblioteca

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

da UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos, que conta com livros tanto em formato eletrônico quanto físico. As referências foram escolhidas com base na sua relevância, qualidade e relação com o tema, buscando sempre fontes que trouxessem uma visão mais ampla sobre o assunto.

Esse trabalho não inclui uma pesquisa de campo, mas sim uma análise teórica e reflexiva com base em autores consagrados na área da psicanálise e do desenvolvimento infantil. As citações e referências bibliográficas seguem as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), para garantir que todas as fontes sejam corretamente mencionadas e padronizadas.

A metodologia do trabalho prioriza o estudo de teorias importantes, como as de Lacan, sobre as dimensões do corpo e a de Winnicott, sobre o ambiente de cuidados, para entender como a falta de recursos simbólicos e um ambiente familiar inadequado podem levar ao surgimento dos sintomas do TDAH em crianças.

Segundo Marconi e Lakatos (2017), o método dedutivo é uma abordagem lógica, utilizando de premissas gerais para levantar hipóteses específicas, através das quais chega-se a conclusões particulares. Esse método permite deduzir que outros casos semelhantes possam apresentar o mesmo efeito, partindo do individual para o geral.

Quanto a questão ética, levou-se em consideração os princípios gerais do código de ética profissional do psicólogo, em específico os princípios de promoção de reflexões, de saúde e qualidade de vida, exercendo uma pesquisa ética ao transpor as hipóteses gerais da pesquisa para situações particulares, evitando estereótipos e/ou generalizações inadequadas, entendendo que cada caso deve ser tratado de maneira individual e respeitosa.

Além disso, ao utilizar o método dedutivo as autoras visaram garantir que as teorias utilizadas fossem empregadas de forma crítica, a fim de evitar interpretações errôneas ou que perpetuem algum tipo de preconceito ou práticas inadequadas. Para isso, foram selecionadas teorias cientificamente válidas,

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

contempladas sob uma análise crítica a fim de garantir que o compromisso com a ciência e a ética fossem respeitados.

3. ANÁLISE DA PESQUISA

O conceito de infância, como uma fase distinta da vida, é moldado ao longo da história por transformações socioculturais, estabelecendo o fundamento para a compreensão do desenvolvimento psicossocial infantil. As relações precoces no núcleo familiar, particularmente a interação com figuras parentais que desempenham funções maternas e paternas, desempenham um papel crucial na construção da subjetividade e na formação da saúde emocional da criança. Autores como Winnicott e Lacan destacam que a qualidade do cuidado nos primeiros anos de vida influencia diretamente a capacidade da criança de desenvolver confiança, segurança e habilidades relacionais, elementos essenciais para sua maturação como indivíduo.

Assim, o processo de desenvolvimento infantil é indissociável do ambiente que o cerca, sendo profundamente marcado pelas configurações históricas, sociais e culturais que atravessam as relações familiares. Reconhecer essa interdependência é essencial para a elaboração de intervenções e práticas voltadas ao bem-estar da criança e à promoção de seu desenvolvimento integral.

Em síntese, o desenvolvimento emocional saudável da criança é profundamente influenciado pela relação primal estabelecida com a mãe, cujo papel vai além da simples adaptação às necessidades do bebê. Ela atua como mediadora entre a criança e o mundo, integrando valores culturais, linguagens e normas sociais. A noção de uma “mãe suficientemente boa”, conforme proposto por Winnicott (1983), demonstra que o equilíbrio entre a adaptação às demandas da criança e a progressiva introdução da realidade externa é essencial para o amadurecimento psíquico e a formação de uma identidade autêntica. Contudo,

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

essa relação não se desenvolve isoladamente, sendo continuamente atravessada pelo contexto sociocultural no qual mãe e filho estão inseridos, como observado por Neumann (1995).

Dessa forma, o processo de independência da criança não se refere a uma autonomia absoluta, mas a um movimento de integração que a habilita a relacionar-se consigo mesma e com os outros de maneira saudável. A família e o meio social, enquanto instâncias formadoras configuram-se como espaços fundamentais para a construção da subjetividade e para a compreensão do lugar do sujeito no coletivo, revelando a interdependência como uma característica essencial da existência humana.

A partir da teoria lacaniana, observa-se que o trauma emerge como uma ruptura nesse campo simbólico, sendo frequentemente relacionado às falhas na transmissão de significados, na delimitação de limites ou na mediação das funções materna e paterna. Essa insuficiência na estruturação simbólica pode levar a manifestações sintomáticas, como as associadas ao TDAH, que se configuram como formas de expressão subjetiva diante das dificuldades de simbolização. Assim, compreender o sintoma como resposta às falhas no processo de constituição psíquica permite ampliar as possibilidades de intervenção, considerando não apenas os aspectos individuais, mas também as interações familiares e socioculturais que influenciam diretamente o desenvolvimento da criança.

Portanto, a dinâmica familiar e o contexto cultural desempenham um papel central na constituição do sujeito, estruturando sua entrada no mundo simbólico por meio da linguagem e da relação com o outro. É justamente entendendo essa condição que esta pesquisa foi proposta, pois, ao compreender a criança como produto de um meio, ela pode desenvolver facilmente características que contribuem para quadros psicológicos não saudáveis.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

CONCLUSÃO

Em suma, a reflexão sobre o diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua abordagem clínica, especialmente sob a perspectiva psicanalítica, evidencia a complexidade inerente à compreensão do sintoma enquanto uma formação do inconsciente que transcende classificações rígidas. Nesse contexto, o diagnóstico vai além da simples identificação de critérios objetivos; ele exige uma análise cuidadosa das interações entre a criança, seu núcleo familiar e os discursos sociais que a atravessam. A psicologia, ao privilegiar a escuta singular e a subjetividade do sujeito, oferece uma alternativa sensível e humanizada, favorecendo a singularidade do sujeito e seu desenvolvimento psíquico.

A abordagem psicanalítica permite que o sintoma seja compreendido em sua dimensão simbólica e relacional, não apenas ampliando o horizonte terapêutico, mas também promovendo um trabalho transformador sobre o desejo e o gozo, contribuindo para uma vivência mais integrada e menos adoecedora. Assim, a prática clínica psicanalítica reafirma sua relevância ao possibilitar a construção de sentidos únicos que respeitam a singularidade do sujeito em sua relação com o outro e com o mundo.

Conclui-se que a constituição subjetiva da criança está intrinsecamente ligada à qualidade do ambiente familiar, especialmente no que diz respeito à introdução à linguagem e à mediação simbólica, que são fundamentais para o desenvolvimento psíquico saudável. Sob a ótica psicanalítica, os sintomas correlativos ao TDAH podem ser compreendidos como formas de expressão subjetiva diante de falhas na mediação familiar e na ausência de um ambiente suficientemente bom, que comprometem o processo de simbolização e organização das experiências.

A insuficiência na estruturação do simbólico, como apontam Rosa e Rocha (2020), pode dificultar a capacidade da criança de direcionar sua atenção



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

e produzir significados, resultando em manifestações como desatenção e agitação psicomotora. Assim, entende-se que o TDAH, para além dos fatores biológicos, pode ser pensado como um reflexo de dificuldades no campo relacional e linguístico, destacando a importância de intervenções que considerem o contexto familiar e simbólico na abordagem desses sintomas.

DIFFERENTIAL DIAGNOSIS: THE FAMILY'S INFLUENCE ON THE DEVELOPMENT OF SYMPTOMS ASSOCIATED WITH ADHD

ABSTRACT

The current paper has as main purpose to investigate the hypothesis of the family's interconnection and the development of symptoms associated with ADHD. For such, it was pursued to highlight the family environment's influence on an infant's development, analyzing this process and its implications under the psychoanalytic optics, more precisely, based on the theories of Winnicott (data normal) and Lacan (data). Based on the concepts of "fairly good mother" and "trauma", from the respectively quoted authors, the writers have done an analysis surrounding their subjective implications on an infant's development and which are the possible correlations with the rising of symptoms associated with ADHD. The research was formulated grounded on a query of a bibliographic revision of the literature. The general conclusion highlights that, for beyond the biologic factors, ADHD may be seen as result of failures on the symbolic mediation, arising from the rupture of the language system and meaningful that

organizes the subject's experiences, and in the establishment of a unsatisfying care in the household, with implications in the child's psychic development

Key-words: Family Influence. Child Development. Insufficient Environment. Trauma. ADHD.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-IV**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF: CFP, 2005.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FIGUEIREDO, Ana C.; MACHADO, Ondina M. R. O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. **Ágora**, v. 3, n. 2, p. 65-86, jul./dez. 2000.

GARCEZ, Nathaly Lamas; PORTELA, Marcos Vinícius Zoreck. Diagnóstico diferencial na clínica psicanalítica entre sintoma e fenômeno psicossomático. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, Jul./Dez. 2019.

GUZMÁN, M.C; DERZI, C.D.AM. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. **Revista Subjetividades**, v.21, n.1, 2021.

LIMA, Rossano Cabral. **Somos todos desatentos? O TDA/H e a construção de bioidentidades**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

LOUREIRO, Ana Maria Aires Sobral. **Intervenção Psicomotora numa Unidade de Pedopsiquiatria: da infância à adolescência**. Orientador: Guida Veiga. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicomotricidade) - Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano, Universidade de Évora, Évora, 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-18, jan./jun. 2008.

NETO, Fuad Kyrillos; SANTOS, Rodrigo Afonso. TDA/H e o neurocentrismo: reflexões acerca dos sintomas de desatenção e hiperatividade e seu lugar no registro das bioidentidades. **Vínculo - Revista do NESME**, v.10, n. 1, p. 1-44, 2013.

NEUMANN, Erich. **A criança: estrutura e dinâmica da nascente personalidade**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

PASIAN, M.S.; FALEIROS, J.M. BAZON, M.R.; LACHARITÉ, C. Negligência Infantil: A Modalidade Mais Recorrente de Maus-Tratos. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 61-70, dez. 2013.

PATRICIO, Solange Frid; MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Por um cuidado suficientemente bom na primeira infância: algumas reflexões. **Cad. Psicanal.**, Rio de Janeiro, v.42, n.43, p. 265-284, jul./dez. 2020.

ROSA, Miriam I. P. D.; ROCHA, Geovane dos Santos. Estudo psicanalítico sobre Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade (TDAH) na infância. **Cad. Psicanál.**, Rio de Janeiro, v. 42 n. 43, p. 249-264, jul./dez. 2020.

STERNICK, Mara. A imagem do corpo em Lacan. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 32, n. 59, p. 31 - 38, Jun. 2010

WINNICOTT, Donald W. **Família e desenvolvimento individual**. 1. ed. São Paulo: UBU, 2023.

WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa**. 1. ed. São Paulo: LTDA, 1989.